

Quando se fecha os olhos e vê: por uma metodologia afetiva

When you close your eyes and see: for an affective methodology

Cuando cierras los ojos y ves: por una metodología afectiva

Veronica Santana Queiroz^{1,a}

veronicasqueiroz@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-6364-1292>

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências da Saúde, Núcleo de Bioética e Ética Aplicada. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^a Doutorado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

Decolonizar a construção de conhecimento é uma experiência de enfrentamento de um modo de ‘fazer científico’ que se tornou hegemônico nas universidades brasileiras, centralizado na razão cartesiana e pautado em métodos coloniais, rígidos e disciplinados. Apresento uma experiência metodológica de se fazer pesquisa guiada pelos afetos, inspirada na *escrevivência* de Conceição Evaristo, escritora, acadêmica e militante. Exponho, no presente artigo, o fluxo metodológico que foi acontecendo ao escrever a minha tese acreditando ter sido esse um caminho afetivo-metodológico. Tal fluxo metodológico se mostra pertinente, já que evidencia outra forma de construção de conhecimento pautado em bases contra-hegemônicas, quais sejam: a escolha de uma categoria de análise subjetiva (os afetos) e o desenvolvimento de uma análise subjetiva; a integração entre a pessoa que pesquisa e o material pesquisado; a interdisciplinaridade como forma de ampliação do olhar e, portanto, da pesquisa; a conexão entre os afetos e a escrita.

Palavras-chave: Afetos; Metodologia afetiva; Decolonialidade; Literatura negra; Bioética.

ABSTRACT

Decolonizing the construction of knowledge is an experience of confronting a way of ‘doing science’ that has become hegemonic in Brazilian universities, centered on Cartesian reason and based on colonial, rigid, and disciplined methods. I present a methodological experience of doing research guided by affections, inspired by the *“escrevivência”* of the writer, academic and activist Conceição Evaristo. In this article, I will try to expose the methodological flow that took place when I was writing my thesis believing that this was an affective-methodological path. This methodological flow proves to be relevant as it shows another form of knowledge construction, founded on counter-hegemonic bases, namely: the choice of a subjective analysis category (affections) and the development of a subjective analysis; the integration between the person who researches and the researched material; the interdisciplinarity as a way of expanding the look and, therefore, the research; the connection between affections and writing.

Keywords: Affections; Affective methodology; Decoloniality; Black literature; Bioethics.

RESUMEN

Descolonizar la construcción del conocimiento es una experiencia de enfrentamiento a una forma de 'hacer científico' que se ha tornado hegemónica en el ámbito universitario brasileño, una forma centrada en la razón cartesiana y fundamentada en métodos coloniales, rígidos y disciplinados. En este artículo presento una experiencia metodológica de investigación guiada por afectos e inspirada en la "escrivivência" de Conceição Evaristo, escritora, académica y activista. Intentaré exponer el flujo metodológico que orientó la elaboración de mi tesis, creyendo haber sido un camino afectivo-metodológico. Este flujo metodológico resulta relevante, puesto que muestra otra forma de construcción del conocimiento a partir de bases contra-hegemónicas, a saber: la elección de una categoría subjetiva de análisis (afectos) y el desarrollo de un análisis subjetivo; la integración entre la persona que investiga y el material investigado; la interdisciplinariedad como forma de ampliar la mirada y, por tanto, la investigación; la conexión entre los afectos y la escritura.

Palabras clave: Afectos; Metodología afectiva; Decolonialidad; Literatura negra; Bioética.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Este artigo compõe o dossiê Por uma Ética Interdisciplinar.

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Veronica Santana Queiroz.
Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Veronica Santana Queiroz.
Redação do manuscrito: Veronica Santana Queiroz.
Revisão crítica do conteúdo intelectual: Veronica Santana Queiroz.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: não houve.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 01 abr. 2022 | aceito: 08 ago. 2022 | publicado: 30 set. 2022.

Apresentação anterior: o artigo é fruto da minha tese de doutorado realizada no programa de pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS) em associação com UFRJ, Uerj, UFF e Fiocruz.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

No presente artigo, gostaria de apresentar uma experiência metodológica de se fazer pesquisa guiada pelos afetos, inspirada na escrevivência de Conceição Evaristo, escritora, acadêmica e militante. Tracei essa experiência metodológica durante a minha tese de doutorado que terminei no final de 2021, período em que, especialmente desde 2016, com o golpe contra a democracia quando se fabricou o *impeachment* da então presidenta Dilma e, em 2018, com a eleição de um projeto de governo genocida, nós, brasileiras e brasileiros, estamos vivendo o aprofundamento de sucessivas crises: política, sanitária, ambiental, social, ética.

O artigo está organizado em três subseções: a) metodologia indisciplinada; b) afetos e a escrita encarnada e c) a escrevivência de Conceição Evaristo.

Para iniciar, considero necessário contar brevemente qual foi o meu ponto de partida. Eu entrei no programa de pós-graduação¹ com um projeto para estudar os cuidados de fim de vida na atenção básica, pois me interessava desde a graduação em estudar a morte. Antes da qualificação comecei a conhecer a escritora Conceição Evaristo² e ganhei o livro *Quarto de Despejo*, escrito por Carolina Maria de Jesus. Depois de ler esse livro e começar a ler a obra de Conceição Evaristo, decidi mudar o tema da tese. Falaria sobre literatura negra brasileira e autobiografias de autoria feminina e negra, numa tentativa de conhecer a vida dessas mulheres a partir de suas falas. Contudo, ainda pensava sobre a morte e nos marcadores de morte e de vida da população negra brasileira, chegando a pensar num título no qual havia a palavra ‘morríveis’, fazendo referência a como a população negra está marcada para morrer no Brasil. Na ocasião, escrevi para a Conceição convidando-a para a minha qualificação; ela generosamente me respondeu dizendo que, por conta do volume de compromissos não poderia, mas que ficava agradecida pelo convite e dizia se interessar pelo tema que lhe parecia algo inédito, um diálogo entre a bioética e a literatura negra. Nesse período, conheci Fernanda Felisberto³, que participou da minha banca de qualificação e, posteriormente, aceitou me coorientar, para a minha alegria e sorte.

Na qualificação, elaboramos um caminho para trabalhar com o livro de Carolina Maria de Jesus – *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada* (2014) e o de Maya Angelou – *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* (2018). Eu começava a me interessar mais pelos caminhos de vida do que pelos de morte. bell hooks (2020, p. 36) comenta algo parecido: “contemplar a morte sempre me leva de volta ao amor”. Quase nesse mesmo tempo, me descobri negra. Antes, a minha vida toda, me considerava parda. Me considerar negra vem mudando muitas coisas na minha visão de mundo, especialmente me responsabilizando mais politicamente por essa condição. Vivi e vivo alguns processos de enegrecimento, pois acreditava em ideais embranquecidos. No entanto, sendo uma mulher negra de pele clara, reconheço que a opressão racial que sofri e sofro é ‘amenizada’ e, das opressões, aquela que mais incidiu e incide sobre mim é a de gênero, por ser mulher. Ter me descoberto negra já adulta só reforça o privilégio que tenho, pois, para quem tem a pele mais escura, o racismo as obriga a se racializar logo na infância.

Em meio à pandemia vivida em 2020, eu estava aprofundando os estudos sobre o debate racial no Brasil, lendo obras literárias que me mobilizaram profundamente, vivendo uma crise política, social, ambiental, sanitária, ética, econômica neste país, e me ocorreu que eu já tinha lido toda a obra de Conceição Evaristo, além de estar acompanhando as suas *lives* no Instagram. Dentro desse panorama, sendo ela uma escritora e referência muito admirada por mim, me ocorreu centrar os meus estudos em sua obra. Percebi que a

1 Programa de pós-graduação em bioética, ética aplicada e saúde coletiva (PPGBIOS) em associação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

2 Doutora em Literatura Comparada pela UFF (2011), escritora e militante do movimento negro, além de realizar muitas outras coisas.

3 Doutora em Literatura Comparada pela Uerj, professora de Literatura Brasileira, no Departamento de Letras, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – Campus Nova Iguaçu, Tutora do Programa de Educação Tutorial – PET Conexões Baixada Fluminense e integrante do conselho editorial para a publicação dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus.

sua escrita me tocava profundamente. Mudaria, portanto, o tema do doutorado pela terceira e última vez. Então, busquei na literatura negra caminhos e contribuições para a bioética, para uma bioética que leva em conta os afetos, e eis que surgiu a pergunta-título da tese que me orientou ao longo dessa jornada: “Qual é o lugar dos afetos na bioética?”.

METODOLOGIA INDISCIPLINADA

[...]

E são tantas as águas deslizando
E deslizando são as tantas águas
E águas, as deslizando, são tantas
que nas bordas da áspera rocha,
encontro um escorregadio
limo-caminho. Tenho passagem.
(EVARISTO, 2017, p.102).

Não só a obra da Conceição foi importante para a composição deste trabalho, mas diversos eventos debatendo questões raciais no Brasil e em outros países, diversos cursos online sobre a produção de intelectuais negros/os dentro e fora do Brasil, leitura de poesias escritas por mulheres negras, outros livros de literatura de outras escritoras, *lives* e debates online sobre literatura, eventos literários com debates entre escritoras, filmes e músicas, peças de teatro, conversas entre amigas e com minha família, conversas com as minhas orientadoras, o meu trabalho com clientes negras no consultório, eventos acadêmicos, o meu trabalho terapêutico, a pandemia da covid-19, a crise política, sanitária, ambiental, social, ética no Brasil, os sustos, as mortes e perdas que vivi, os impactos disso no meu corpo... enfim. Tudo me atravessou e gerou muitos afetos e, certamente, isso tudo se reflete no meu trabalho, inclusive as perturbações e as paralisias que viver no Brasil nesses últimos tempos causam.

Depois de muitas conversas com a Fernanda Felisberto, minha coorientadora, entendi que a imersão nos escritos da Conceição Evaristo, deixando os meus afetos me guiarem nas leituras, me proporcionavam um campo de pesquisa no qual a metodologia nascia com mais liberdade (SCHUCMAN, 2012, p. 46).

Falando em liberdade, Haber (2011) propõe uma “metodologia indisciplinada” (ou “*nometodologia*”) que é aquela que rompe com os padrões coloniais e critica uma “metodologia disciplinada”. Disciplinar uma investigação é a criação de um problema, é a identificação de sintomas que o investigador deverá solucionar. O autor critica essa postura arrogante do pesquisador (e das ciências humanas, especialmente a da antropologia, segundo ele) que acredita que somente o pesquisador, com as suas capacidades de conhecedor, poderá lidar com os problemas e apresentar as soluções para o mundo. Como se o mundo tivesse “problemas”, como se houvesse “soluções” e como se o “pesquisador” fosse um ser especial. A metodologia disciplinada usa “técnicas da cirurgia colonial”, pressupondo cisões, como as que faz um “bisturi na sala cirúrgica” (p. 20), entre: sujeito e objeto; início e fim; pesquisador e mundo. Indisciplinar a investigação é “embaralhar” as relações de sujeito e objeto; é “embaralhar” uma suposta “linearidade temporal da sequência de produção de conhecimento” (p. 17) e não hierarquizar os conhecimentos, sejam eles acadêmicos ou “do mundo”. Inclusive, o autor sugere que uma das formas mais importantes de aprendizagem é a conversação. A investigação indisciplinada é uma conversa com os fantasmas de outros espaços-tempos:

A investigação é seguir as pegadas. A investigação indisciplinada é seguir o negativo das pegadas que persistem ainda que ausentes, é escutar o não dito das palavras. Metodologia disciplinada é seguir a sequência protocolizada de ações para adquirir conhecimento, traçar o caminho que se deve seguir. Nometodologia é seguir todas aquelas possibilidades que o caminho esquece, que o protocolo obstrui, que o método reprime. Trata-se de conhecimento em movimento. (HABER, 2011, p. 29, tradução nossa).

A pergunta-título da tese se orienta por uma ausência e busco contribuições na literatura negra, que sabe que os conhecimentos gerados pelas mulheres negras são invisibilizados. Parti de ausências em busca de presenças.

A tese então se encaminhou rumo a uma metodologia indisciplinada, segui os caminhos afetivos (a raiva, a tristeza e o amor me orientaram) tentando integrar meu papel de pesquisadora ao de leitora de acordo com a minha trajetória pessoal, misturando leituras teóricas acadêmicas com leituras literárias poéticas e ainda com as falas que ouvi ao longo do caminho, costurando (ou tentando costurar) emoções e escrita. Buscando outras referências metodológicas, desvinculando-me do “mandato introjetado de repetir o padrão epistêmico ocidental como única referência de conhecimento” (CARVALHO, 2019, p. 90). Esse fluxo, aparentemente “desordenado”, me causou uma sensação de estar perdida diversas vezes; no entanto, penso que foi uma sensação de quem estava enquadrada num determinado tipo de modelo muito rígido. Logo, a escrita pode parecer caótica num dado momento, mas depois de entender que a linearidade é uma invenção, tentei me aquietar com a não linearidade.

AFETOS E A ESCRITA ENCARNADA

Após várias conversas com a Fernanda Felisberto, chegamos à palavra ‘afetos’. O que são os afetos? O que essa palavra diz da obra de Conceição Evaristo? O que essa palavra diz da bioética? A meu ver, Conceição Evaristo traz para o cerne de sua obra cenários, contextos e personagens que dialogam muito com um mundo que eu vejo, em que vivo e sinto. Remexe sentidos novos e surpreendentes em mim e me emociona muito com a sua delicadeza, subversão e força. Afetos é o que a obra de Conceição Evaristo reflete em mim, e me afetam. Os afetos são a energia movente da e na vida. Outro sentido que essa palavra traz é o de abordar as pessoas negras pelo afeto, saindo do ‘lugar comum’ onde costumam estar associadas à ‘pobreza’, à ‘morte’, à ‘criminalidade’. Essa mesma palavra, na bioética, traz outro sentido para mim e, principalmente, num primeiro momento, é o da ausência, isto é, quase tudo com o que tive contato na bioética não aborda os afetos em nenhuma dimensão; muito pelo contrário, privilegia uma racionalidade tradicional, aquela que desconsidera as emoções, os afetos, o corpo.

Acolhi a ideia de definir ‘afetos’ como aquelas emoções que me afetam e isso me orientou nas costuras que fui fazendo ao longo da tese e, sobretudo, ao fazer as leituras da obra da Conceição Evaristo e escrever sobre elas. Eu diria que “a cereja do bolo”, a parte central do meu trabalho, foi orientada pelas minhas emoções que eram mobilizadas nas leituras que fazia dos livros da Conceição Evaristo e também pelo que vivia. Escolher uma categoria de análise tão subjetiva como é a categoria ‘afetos’ só me fez entender que, além de ser possível fazer um trabalho cuja base é a subjetividade, me fez sentir acolhida por aquilo que lia, pois, eu estava inteira nas leituras e na escrita. Era eu enquanto pesquisadora, leitora e admiradora da obra da Conceição Evaristo, era eu mulher negra de pele clara, estudante, psicóloga, brasileira, filha etc. que lia, que se emocionava, que escrevia. A ‘escrita encarnada’, na minha experiência, foi uma vivência que atravessava o meu corpo, o meu sono, e saía no teclado do computador, numa folha de papel virtual. Esse acolhimento que a minha escrita me ofereceu foi fundamental para eu atravessar o deserto que se tornou o Brasil, atravessar a pandemia e as perdas e sustos que vivi. Acolhimento e companhia também das pessoas que caminharam comigo, minhas orientadoras, alguns professores de quem me mantive próxima, a própria Conceição (vejam que não me refiro a ela pelo sobrenome, como manda a norma, e não faço isso por pura transgressão, faço porque para mim, Conceição é muito próxima afetivamente). Falo dela como se fosse uma amiga, além de falar das pessoas do meu círculo social íntimo; percebo que todos os afetos envolvidos dessas pessoas me apoiaram para entrelaçar afetos na escrita. Trago na memória suas palavras, nossos encontros, e-mails trocados com elas que se traduzem em cuidado e carinho que me foram ofertados nesse caminho. Lembro de vários encontros de orientação (tanto com a minha orientadora Claudia como com a

minha coorientadora Fernanda) em que conversávamos sobre a vida e eu chorava e chorava. Estávamos em meio a uma pandemia mundial, sem perspectivas de melhora, as pessoas estavam morrendo. Como falar da tese passando por cima desse contexto desolador? Em vários momentos da minha escrita eu chorava: de dor, de raiva, de amor.

Por fim, recorri à literatura negra brasileira de autoria feminina em busca de contribuições para a bioética por entender as limitações desse campo de estudo (bem como de qualquer campo de conhecimento), por enxergar que a bioética ainda se apoia muito em bases coloniais e por acreditar que a área da literatura negra, assim com as artes em geral constituem um campo fértil e nutritivo de conhecimentos e de restituição da História, de histórias, de pessoas, de afetos, de lugares, de identidades, de subjetividades. Não desprezo o campo de conhecimento que é a bioética e tudo que ela nos oferece concernente à ética em saúde; contudo, quis propor uma fissura buscando novos e outros olhares.

A minha aposta foi que a narrativa literária de Conceição Evaristo evidenciada nas suas obras, mas também no que a própria escritora traz enquanto acadêmica e como mulher negra nas suas aparições públicas, nos aponta uma outra forma de abordagem do mundo e uma outra forma de olhar para as pessoas negras. Nos provoca a costurar novos sentidos, diferentes dos que, por conta do racismo estrutural e do extermínio de outras culturas e saberes, engessaram a nossa visão de mundo, inclusive e especialmente, no campo do saber bioético. A obra da Conceição Evaristo me faz refletir sobre um campo de pensamento decolonial⁴, antirracista, feminista negro, anticapitalista, não-binário e aberto para os afetos como uma dimensão do saber, de completude e de transformação no e do mundo. A escolha da obra da Conceição Evaristo se deu pela minha identificação com suas personagens e suas histórias e afetividade por elas.

A ESCRIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Um dos eixos centrais na obra de Conceição é a sua “escrivência”. Essa palavra foi usada por Conceição Evaristo na sua dissertação de mestrado e foi falada, pela primeira vez, no VI Seminário Mulher e Literatura realizado no mesmo ano, em 1996, na UFRJ (DUARTE; NUNES, 2020). É uma junção de “escrever”, “viver” e “se ver”. É uma tentativa de interrogar, questionar e anunciar incômodos a partir da autoria de mulheres negras. Coloca em cena a fala e as experiências de mulheres que historicamente foram e são silenciadas, as suas experiências de vida são consideradas desimportantes e irrelevantes. É um resgate de seu lugar, sua vida, seus corpos, seus afetos e do que as afeta. A escritvência é a denúncia que se expressa de diversas maneiras, quando, por exemplo, os personagens brancos na obra da Conceição são representantes do poder e estão assentados no poder. São as patroas que são opressivas com as trabalhadoras domésticas negras; os coronéis donos das terras que proíbem os/as trabalhadores/as negros/as de plantarem para a sua sobrevivência; os sinhozinhos que humilham as crianças negras; noutras vezes são forças poderosas desencarnadas que rondam e oprimem as personagens negras.

Embora a autora não tenha tido a pretensão de criar um conceito, estudiosos de sua obra e da literatura negro-brasileira acreditam e afirmam que, sim, a escritvência é um conceito. Expressão disso é a publicação do livro *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes com intervenção artística de Goya Lopes, publicado em 2020, no qual se discute largamente a escritvência de Conceição Evaristo, além de outros livros sobre o termo.

4 Gostaria de trazer algumas breves definições de conceitos fundamentais para o debate sobre a colonialidade e a decolonialidade a partir das contribuições de Maldonado-Torres (GROSFUGUEL *et al.*, 2019). O “colonialismo” moderno é entender como os impérios ocidentais colonizaram grande parte do mundo desde as Grandes Navegações. “Colonialidade” pode ser entendida como a “lógica global de desumanização” (p. 36) que existe mesmo depois da relação entre colônia e metrópole ser extinta. São os rastros da colonização que se atualizam e persistem até hoje. O racismo, o capitalismo e a hierarquização dos seres humanos fazem parte da colonialidade. A “descolonização” refere-se aos eventos históricos nos quais os/as sujeitos/as colonizados/as ou os inferiorizados se insurgiram contra os colonizadores e lutaram para a sua independência. A “decolonialidade” diz respeito à luta constante contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos.

Conceição Evaristo explica de onde iniciou o seu interesse pela escrita e pela poesia, contando um ritual de “evocar o Sol” que a sua mãe fazia, pois era lavadeira e precisava que as roupas secassem no varal, durante a sua infância:

Talvez o primeiro sinal gráfico que me foi apresentado como escrita tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo o corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol.

[...]

Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofar acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e o pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. (DUARTE; NUNES, 2020, p. 49-50)

Nessa passagem fica explícito o quanto que a escrevivência surge da experiência vivida de mulheres, no caso, de crianças negras também; a função do corpo, do contato com o corpo com a natureza; a observação acurada dos eventos no mundo; de experiências de escassez; e de formas criativas de lidar com a escassez, pois foi da necessidade de criar (criatividade) que surgiu o desejo de ler e escrever como esperanças.

No trecho seguinte, Conceição nos conta outras origens da sua escrita. Ela surge a partir da oralidade, da escuta atenta da palavra dita e do corpo receptivo ao que ouvia. Conceição-criança fechava os olhos e construía suas histórias:

Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados à meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e ‘acordava todos os meus sentidos’. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor, dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite. (DUARTE; NUNES, 2020, p. 52, destaque nosso)

Nesse trecho, podemos perceber que a oralidade é um fundamento da apreensão e de conhecimento do mundo que não passa necessariamente pelos livros e pela educação formal. A oralidade manifestada nas conversas do dia a dia, nas histórias que são contadas, na linguagem do cotidiano que muitas vezes acontece nas expressões das emoções, no grito, na briga, no choro, na gargalhada explosiva no meio da rua. Nessa gramática cotidiana das pessoas comuns criam-se sabedorias, soluções e respostas para os problemas do mundo. São evidências de formas indisciplinadas de produção de conhecimento.

A escrevivência de Conceição é uma forma de transgressão e também de transformação do mundo pois, além de provocar fissuras nos cânones literários ao trazer a experiência negra vivida por uma escritora negra, ela reivindica o lugar que a história brasileira retirou de visibilidade, respeito e de intelectualidade das mulheres negras. Falamos, portanto, de uma escrita que provoca o enfrentamento do racismo literário e do racismo como uma estrutura social, histórica e política que permeia a sociedade brasileira.

A seguir, Conceição relata como a sua escrita é “insubordinada”, pois não se submete aos ditames racistas que colocam a mulher negra em espaços de subalternização:

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava essas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se, inconscientemente, desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra.

[...]

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?

Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada.

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (DUARTE; NUNES, 2020, p. 54, destaques da autora)

Podemos perceber que, pelo relato da Conceição, a escrita de autoria feminina negra provoca um giro no esquema colonial, pois o lugar de fala é retomado pelas mulheres negras conferindo um lugar de sujeito e não mais o de objeto. No esquema colonial quem fala é o senhor/a branco/a e quem ouve é a/o negra/o. Nessa citação, Conceição mostra a potência da escrita das mulheres negras que não só têm potência de colocar a experiência negra no mundo como também disputam o local de poder que é o discurso, a narrativa sobre as pessoas negras e sobre a História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – QUANDO SE FECHA OS OLHOS E VÊ

Meia lágrima

Não,
a água não me escorre
entre os dedos,
tenho as mãos em concha
e no côncavo de minhas palmas
meia gota me basta.

Das lágrimas em meus olhos secos,
basta o meio tom do soluço
para dizer o pranto inteiro.

Sei ainda ver com um só olho,
enquanto o outro,
o cisco cerceia
e da visão que me resta
vazo o invisível
e vejo as inesquecíveis sombras
dos que já se foram.

Da língua cortada,
digo tudo,
amasso o silêncio
e no farfalhar do meio som
solto o grito do grito do grito
e encontro a fala anterior,

aquela que, emudecida,
conservou a voz e os sentidos
nos labirintos da lembrança.
(EVARISTO, 2017, p. 82-83)

Quando surgiu esse título pensei justamente na imagem simbólica de “olhar para dentro”, olhar para o que se sente e ver: o que aparece quando olhamos para dentro de nós? Fechei os olhos e vi que tenho emoções e um corpo que sente, os quais me orientam a olhar o mundo de uma forma sensível, compartilhada (eu-no-mundo) e com afetos e entender que esse “método” produz conhecimento e aprendizado constantes. Para mim, esse é o caminho de uma metodologia afetiva, de ser guiada/o pelos afetos que passam pelo corpo buscando as perguntas que ninguém faz, as pegadas que foram invisibilizadas e as falas de quem foi silenciado. É o “limo-caminho”. Segue-se driblando as rochas no turbilhão das águas e provocando as rachaduras necessárias para ampliar as formas de construção de conhecimento com novas (mas antigas) metodologias dentro da academia, abrindo espaço para o reconhecimento de tantas formas existentes de fazer conhecimento que operam na vida das pessoas e das comunidades há muito tempo.

No presente artigo relatei um caminho metodológico que adotei durante a construção da minha tese de doutorado que transgredir um modelo usual de construção de conhecimento, pois assumi uma forma do ‘fazer científico’ pautado numa concepção decolonial. Optei pela subjetividade (os afetos) não optando pela ‘objetividade científica’ (seja lá o que for isso); escolhi os caminhos afetivos criticando a crença na racionalidade cartesiana; rejeitei a ‘neutralidade’ científica integrando tudo que venho sendo (mulher, mulher negra de pele clara, filha, companheira, brasileira, professora, psicóloga etc.), trazendo as emoções que fui vivendo; aproximei dos campos da bioética e da saúde a literatura negra, acreditando na ampliação do olhar para os desafios que esses trazem a partir do campo da arte que é a literatura; e escolhi fazer uma escrita que leva afetos em conta e não uma escrita ‘asséptica’, sem um comprometimento pessoal de quem escreve o que escreve. Não quero dizer que essas sejam as únicas formas de construção de conhecimento a partir da decolonialidade, essa foi a minha experiência. São possíveis inúmeros caminhos de decolonizar a ciência e a produção de conhecimento, cada uma/um pode criar novos ou trazer antigos métodos. E também não quero cair na armadilha colonial de tornar ambíguo o mundo provocando cisões como as de um “bisturi” na “cirurgia colonial” (HABER, 2011, p. 20) entre, por exemplo, razão x emoção; certo x errado; sujeito x objeto; isso ou aquilo. Acredito nas fissuras enquanto desobediências e na integração como caminho.

De acordo com Maldonado-Torres (GROSGOUEL *et al.*, 2019, p. 33) o que se espera num mundo moderno/colonial é que o/a colonizado/a se submeta, que seja “tão dócil quanto grato” e que as questões sobre a colonização e descolonização não apareçam. Ou seja, abordar questões que a colonialidade quer apagar é um passo importante para a decolonialidade, para vislumbrar a ruptura desse sistema de habitar o mundo e para imaginar e criar um mundo onde outros mundos possam coexistir (KRENAK, 2021).

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Tradução de: Regiane Winarski. Bauru: Astral Cultural, 2018.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. *In*: GROSGOUEL, Ramón; BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 79-106. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Rosado Isabella (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações de: Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GROSFOGUEL, Ramón; BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

HABER, Alejandro. Nometodología Payanesa; notas de metodologia indisciplinada (com comentários de Henry Tantalean, Francisco Gil García y Dante Angelo). **Revista Chilena de Antropología**, Santiago, n. 23, p. 9-49, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5354/rca.v0i23.15564>. Disponível em: <https://revistateoriadelarte.uchile.cl/index.php/RCA/article/view/15564>. Acesso em: 13 set. 2022.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Ilustração de: Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KRENAK, Ailton. **Roda Viva | Ailton Krenak | 19/04/2021**. São Paulo: TV Cultura, 2021. 1 vídeo (92 min). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BtpbCuPKTq4>. Acesso em: 08 abr. 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulista. 2012. 160 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

QUEIROZ, Veronica Santana. **Qual o lugar dos afetos na Bioética?**: percursos e contribuições da literatura negra: um encontro possível com a Conceição Evaristo e a sua obra. 2021. 123 f. Tese (Doutorado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.